

TÚNEIS, CASULOS : A PRODUÇÃO RECENTE DE MARIA CLARA FERNANDES

Maria Clara Fernandes é uma das raras artistas brasileiras a desenvolver uma instigante produção tridimensional, derivada de uma experiência renovada da tradição têxtil local e internacional.

Apenas para rememorar, é importante chamar a atenção para quando, onde e como a artista emergiu em definitivo na cena artística nacional. Isto ocorreu em 1996, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, durante a mostra "15 artistas brasileiros". Naquela ocasião Maria Clara Fernandes apresentou dois "tapetes": "Terral" (1994) e "Sem retorno" (1995). Ambos possuíam tamanhos desmesurados (o primeiro media 1,5 x 22m e o segundo, 1,5 por 9m), mas não era apenas pelas dimensões que eles chamaram a atenção do público. Ainda mais inquietantes do que propriamente as dimensões de ambos, talvez fossem os materiais com que a artista os produziu. "Terral" era feito com uma planta de origem ancestral (Tlansia, um tipo de bromélia), tramada em tear; já "Sem retorno" foi produzido com sacos plásticos para lixo, metais e papéis tramados igualmente em tear.

Na presença de Maria Clara Fernandes em "15 artistas brasileiros", portanto, notava-se o seu percurso, operando com o orgânico e com o industrial, com a natureza e com a cultura.

Observando retrospectivamente aquelas peças, não parece estranho que a artista, em seguida, buscava fugir da extrema horizontalidade que caracteriza a forma tradicional do tapete. Afinal, em "Sem retorno", não apenas alguns elementos como que tentavam sair da superfície bidimensional principal do trabalho como a própria maneira com que a artista dispunha a obra no espaço (com curvas e acumulações), demonstrava uma vontade de sair dos limites da horizontalidade do suporte. Esta sensação também era possível de ser percebida em "Terral", onde a floração sempre em devir das bromélias pré-históricas em tese transformaria o caráter de horizontalidade absoluta da peça...

Com o decorrer do tempo, a produção de Maria Clara Fernandes foi paulatinamente abandonando a horizontalidade do tapete, buscando outras formas de se apresentar ao mundo. É ao contrário do que se poderia esperar, o trabalho da artista não deixou o chão rumo à

parede. Ou seja: ele não trilhou o caminho previsível de todos os artistas que lidam artisticamente com os têxteis. Ao contrário de seus colegas que buscam operar com o plano verticalizado do painel, Maria Clara Fernandes, ao abandonar o raciocínio da forma tradicional do tapete, manteve sua obra no chão ou, pelo menos, manteve a horizontalidade como eixo focal de seu trabalho.

Na verdade, pode-se dizer que a artista não abandonou propriamente a forma horizontal do tapete. Ela simplesmente (e isso é tudo!), ela simplesmente problematizou tal forma, agregando-lhe volume, por meio de estruturas, ou de uma espécie de arquitetura fragilíssima que suspende e encurva partes do plano original do tapete, transformando-o em cilindros ou túneis que percorrem os espaços de exibição.

"Vazante" (2001), uma das obras que Maria Clara Fernandes apresenta nesta exposição, talvez seja a peça mais emblemática desse processo da artista. Ali o espaço real do ambiente parece ser dinamizado pela obra que, por meio de sua estrutura extremamente frágil, praticamente se desvencilha de sua condição inicial de plano para transformar-se quase que num volume pleno.

Nas demais obras em exibição a artista segue, com maior ou menor intensidade, o mesmo raciocínio. Suas tramas bidimensionais são articuladas por delgadas estruturas que as forçam em direção a uma volumetria que, por sua vez, as remetem a formas derivadas da natureza ou da cultura: vasos, ninhos, abrigos, casulos, túneis, passagens...

Maria Clara Fernandes de alguma maneira traz para o terreno da arte a dicotomia vivenciada por todos aqueles que habitam Florianópolis, um lugar que não se sabe natureza contaminada pela cidade ou vice-versa. Ali parece não ter havido ainda a superação total da natureza pela cultura e os dois estágios parecem conviver lado a lado, às vezes se entrecruzando em tramas insuspeitas, às vezes mantendo uma certa e desconfiada distância...

Assim também se comportam os trabalhos da artista, constituindo uma poética muito particular porque fruto de uma sensibilidade atenta ao entorno e capaz de traduzi-lo com segurança, numa linguagem que, apesar de possuir raízes tão locais, consegue tocar a todos.